

Emmanuel Mounier e a Filosofia Personalista no Brasil

Gilmar Lopes Dias¹

O livro que apresentamos nessa resenha é de autoria de Carlos Roberto da Silveira, publicado no ano de 2017, pela Editora Becalete. Essa obra é o resultado da tese de doutoramento do autor, que foi defendida no ano de 2010. O título do livro se manteve homônimo ao da tese que lhe deu origem e foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Professor Doutor Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. O autor da obra, que ora se resenha, é professor e docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, da Universidade São Francisco, Câmpus de Itatiba.

A obra foi prefaciada pelo Professor Doutor Adão José Peixoto, da Universidade Federal de Goiás, é composta de 489 páginas e está dividida em quatro capítulos, precedidos de uma introdução e finalizada pelas considerações finais. Na introdução, o autor contextualiza as suas questões de pesquisa, como uma proposta de compreender o porquê da filosofia personalista de Mounier, da fundação da Revista *Espirit*, assim como da importância dessa filosofia e da edição daquele periódico, no contexto histórico europeu, da primeira metade do século XX. A partir dessa primeira questão, Carlos Roberto da Silveira se pergunta se o humanismo personalista de Mounier teria provocado alguma repercussão no Brasil.

Ainda na introdução, o autor aponta que o engajamento político de Mounier, deu-se como uma ação, devido à sua insatisfação com a crise espiritual, material, política, econômica, teológica, filosófica de sua época. Como homem de ação, embora com todas as dificuldades políticas e limitações materiais, Mounier buscou de todas as formas possíveis e com todas as suas forças, defender a pessoa humana frente ao que identificará, perfeitamente, o seu “modo de vida” com a sua filosofia.

No primeiro capítulo, intitulado: *As condições históricas para a ação: Emmanuel Mounier*

¹ Universidade São Francisco, Itatiba, gilmarlopesdias@gmail.com

(1905-1950) e o *personalismo*, o autor se empenha inicialmente em descrever a trajetória de vida de Mounier, desde o seu nascimento em 1º de abril de 1905, até a sua morte, no dia 22 de março de 1950, um tempo de vida marcado pela tragédia, pela pobreza, pelo cárcere e pelo convívio com duas grandes guerras.

Em um segundo subitem, apresenta as fontes de inspiração teórica e de engajamento na ação, que perpassam os fundamentos do espiritualismo bergsoniano e a noção de Estrutura do Universo Pessoal do neotomismo. O marxismo lhe permitiu propor ações concretas para a superação, tanto do problema da dicotomia corpo e alma, como da transcendência da natureza. Aproximou-se do existencialismo, no entremeio a Gabriel Marcel e Karl Jaspers, diferindo substancialmente dos existencialistas ateus pós Nietzsche, como Sartre. Contrapôs-se ao existencialismo sartreano, para o qual a relação com o outro é sempre vínculo conflituoso e hostil, pois o olhar do outro necessariamente aprisiona, rouba a liberdade, paralisa.

Rebatendo também a ideia do *Dasein* de Heidegger e se aproximando do pensamento cristão, Mounier propõe que o homem deve se perceber como um ato de criação divina, pois Deus não o criou pronto e acabado em si mesmo, mas como um ser em permanente construção, uma criatura que depende de si mesma para se autotransformar. Procurando aproximar as dimensões humanistas e cristãs, o personalismo se funda no conceito de compromisso, o qual se constitui na dialética constante entre a encarnação e a transcendência. A encarnação se constitui na natureza da pessoa, que é ser-que-está-no-mundo, mas ao mesmo tempo, a pessoa se constitui como um ser-para-além-do-mundo, ou seja, em sua transcendência.

O personalismo de Mounier se fundamentou, também, nas condições sócio-históricas de seu tempo, que se configuravam no que denominou como “desordem estabelecida”. Por desordem estabelecida, entende as incoerências da civilização ocidental, que se revelam, sobretudo, na miséria material que, por sua vez, “[...] é a causa do aviltamento dos valores espirituais, que leva o homem a um profundo individualismo e ao surgimento de regimes totalitários” (SILVEIRA, 2017, p. 112).

Os três pontos de embate que, segundo Mounier, conduzem ao estabelecimento dessa desordem e à conseqüente miséria humana, são: o capitalismo e seu correlato individualismo, com a promoção suprema do *ter* em detrimento *ser*; a cristandade desvitalizada, na qual a defesa

do espiritual se alinha com os interesses morais, políticos e econômicos da classe dominante; e os regimes totalitarismos, que se pronunciam como anticapitalistas e, entretanto, não promovem o desenvolvimento de pessoas livres e responsáveis, mas dominam pelo medo e pelo terror.

No segundo capítulo, o autor trata da emergência da pessoa, apresentando um histórico dos termos indivíduo e pessoa, desde a Filosofia Antiga para, então, propor a sua fundamentação da “noção de pessoa”. Aponta que, em sua elaboração do entendimento da “noção de pessoa”, Mounier distingue cinco aspectos fundamentais que o diferenciam do termo indivíduo: primeiramente, pessoa se refere a um ente encarnado, produzido na tensão dinâmica e bipolar da dispersão e da concentração, na qual corpo e alma transcendem. O segundo aspecto se refere à orientação profunda da pessoa, para uma descoberta progressiva de um princípio espiritual, ou seja, a descoberta de sua vocação. O terceiro aspecto, diferenciador da pessoa em relação ao indivíduo, trata-se do esforço constante de superação e despojamento, ou seja, de renúncia, de privação e espiritualização, na qual a pessoa passa de uma zona em que a vida espiritual é simplesmente objetivada, para uma realidade própria do sujeito. O quarto aspecto diz respeito à liberdade espiritual da pessoa, que se trata da própria liberdade para a busca e a descoberta de sua vocação, que deve ser favorecido pelo regime institucional. Finalmente, o quinto aspecto concerne à comunhão da pessoa com a comunidade.

Embora tenha definido os cinco aspectos que diferenciam a pessoa do indivíduo, Silveira (2017) aponta que Mounier não pretendeu conceituar o que seja propriamente a pessoa, uma vez que se trata de algo indefinível, segundo os rigores da sistematização. Por se tratar mais de uma experiência de vida, uma iniciativa, uma vida espiritual e de responsabilidade, do que da arquitetura de um objeto, a noção de pessoa é, por esses termos, indefinível conceitualmente.

Sendo pessoa algo indefinível, o autor passa a definir as “estruturas do universo pessoal”, que se produzem na unidade formada entre a existência e a encarnação. A pessoa é, então, a consciência de uma unidade integrada e completa, que se forma pela união do corpo e do espírito. Essa unidade vai muito além de sua própria produção material, pois a pessoa está em constante movimento de auto superação, numa dinâmica íntima e espiritual de transcendência do si para outrem.

Nesse esforço constante e ininterrupto de superação de si e das condicionantes materiais, Silveira (2017) assevera que a pessoa se produz por meio de um pensamento dialógico, que possui dois momentos: o da oposição e o da comunicação. Portanto, no personalismo, a comunicação se caracteriza como uma união vital para a aprendizagem interpessoal e para a humanização das relações de si para consigo e para com o próximo. Isto é, por meio do recolhimento e do acolhimento, nesse movimento comunicativo consigo próprio, seguido de uma abertura comunicativa para o outro, é que aprendizagem da existência pessoal ocorre.

A liberdade é a condição *sine qua non* das estruturas do universo pessoal de Mounier, pois ela é a afirmação da pessoa que vive. Entretanto, a liberdade não é algo que se dá ou se constitui, mas algo que a própria pessoa precisa conquistar. Uma conquista empreendida pela pessoa, a partir da destruição das alienações (próprias e dos outros), destruição essa que necessita um engajamento pessoal, uma luta constante, um comprometimento com a batalha contra as sujeições do espírito.

Assim, liberdade supõe um compromisso, ou uma exigência com a ação, para que se modifique as realidades interior e exterior, personalizando-se o econômico e institucionalizando-se o pessoal. Por meio de um engajamento compromissado, o personalismo assume os riscos e as consequências trágicas dessa ação em prol da pessoa que, nestes termos, constitui-se numa filosofia da ação a serviço da pessoa. Um movimento revolucionário que perpassa e se interliga pelas dimensões: política, histórica e espiritual. Revolução essa que exige toda uma ação íntima e também comunitária, cuja prioridade inicial se constitui na superação da injustiça social, suplantando a miséria material, cujas raízes se orientam espiritualmente.

Silveira (2017, p. 208) enfatiza que, no personalismo de Mounier, “a dimensão individual está interligada com a dimensão comunitária” e, portanto, para a realização de um humanismo integral, a existência encarnada percorre uma perspectiva ética e uma perspectiva política. Eis o compromisso pedagógico da educação personalista: o despertar humano. Nessa concepção, a ação do educador se baseia no compromisso constante de vigilância, em relação ao surgimento de mecanismos geradores e anuladores da liberdade humana, pois seu engajamento deve ser para com o despertar das almas.

No terceiro capítulo, o autor aborda as influências do personalismo de Mounier no Brasil,

que se iniciam no período de grande efervescência política, que sucedeu à Segunda Guerra Mundial, cujas pressões internas e externas favoreceram o processo de redemocratização do país. O pensamento personalista floresce no Brasil, principalmente por meio do trabalho realizado pela Igreja, nas diversas frentes em que a Ação Católica (ACB) empreendeu seu trabalho, difundindo-se também nas Universidades Católicas, como nas ações da União Nacional dos Estudantes (UNE) e na União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES).

A Ação Católica pretendia exercer a sua influência em três frentes ou meios sociais: os operários, os estudantes e os intelectuais, por meio de seus núcleos espalhados pelo país, embora houvesse conflitos internos entre os defensores dos ideais integralistas e os simpatizantes das ideias progressistas. Por meio de seus núcleos da Juventude e Universitária Católica, a ACB finalmente transpõe os núcleos paroquiais e passa a exercer uma ação mais efetiva e prática nas fábricas, oficinas e nos ambientes sindicais, envolvendo-se com a defesa dos direitos econômicos, sociais, culturais e políticos dos operários.

O movimento político de inspiração personalista denuncia a estrutura liberal-burguesa, o analfabetismo que atingia 52% da população brasileira (MDCE-PUC, 1979, *apud* SILVEIRA, 2017), assim como os problemas ocasionados pelo ideal de propriedade capitalista. Utilizou a educação das massas como instrumento de conscientização política e cultural, assumindo o compromisso cristão de luta pacífica e democrática contra a “desordem estabelecida”, utilizando para isso as armas que possuía: a verdade, a bondade e o amor; evitando os extremos da revolução.

O pensamento personalista de Mounier sofreu um despedaçamento, com o regime militar implantado a partir de 1964 no país, quando atingiu não somente os movimentos operários e estudantis, mas também a cúpula da Igreja, com a descentralização a Ação Católica Brasileira e a dissolução dos seus diversos núcleos atuantes. Com a decretação do Ato Institucional número 5 (AI-5), a partir de 1968, as atividades militantes, sobretudo de inspiração personalista, tornaram-se praticamente impossíveis, devido à forte repressão política que se instaura no país.

De acordo com (SILVEIRA, 2017), a partir da década de 1970, o pensamento personalista se arrefece e assume uma postura mais profunda e teórico/filosófica do que de engajamento prático. Destituído das exigências práticas do engajamento radical, o personalismo se firma em

outros ramos das ciências sociais, principalmente naqueles que se ocupam da análise da realidade ética e política.

No quarto e último capítulo de sua obra, Silveira (2017) se dedica a assinalar o legado deixado pelo personalismo de Mounier, assim como as novidades desse pensamento, naquilo que denomina de: pós-personalismo. Quanto ao legado, lembra que o personalismo teve sua irradiação intelectual em diversos países da Europa, como a Itália, a França e a Espanha. Para além da Europa, surgiram movimentos ligados ao pensamento de Mounier na África e na América, sendo que especificamente no Brasil, esse pensamento influenciou diretamente o sindicalismo e diversos movimentos sociais. Os pressupostos personalistas sobre a economia, a cultura a democracia e a pluralidade foram decisivos, inclusive, para a implementação da Comunidade Europeia.

Embora as condenações que sofreu, tanto do Estado e da Igreja, como de seus amigos e parceiros, o pensamento de Mounier inspirou e ainda inspira ações comunitárias, espirituais e filosóficas mundo afora. Seus ideais humanistas e personalistas estão presentes na Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamado pela Assembleia Geral das Nações Unidas, no dia 10 de dezembro de 1948, constando em seu artigo VI que: “Todo ser humano tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei”.

Finalizando seu último capítulo, Silveira (2017) argumenta que, embora o personalismo tenha sido um movimento de determinada época, avançou para além de seu tempo, projetando-se para além, em favor dos direitos inalienáveis da pessoa, empenhando-se no despertar humano, frente às desordens estabelecidas, que continuam espoliando, maltratando o homem, em suas dimensões: material e espiritual. Dessa maneira, a novidade deixada pelo pós-personalismo foi a aspiração de uma emergência ética, por meio da qual a vida humana se realize em sua plenitude, de maneira que o próprio personalismo não seja mais necessário e possamos decretar a sua morte.

Finalizando sua obra, Silveira profere suas considerações finais, nas quais retoma seu trabalho desde o início, para demonstrar o árduo e trágico trabalho desenvolvido por Mounier, não só para expressar o seu pensamento, mas, sobretudo, para que pudesse servir de objeto prático para ação, engajada teórica e politicamente com a mudança de uma visão de mundo, na

qual a pessoa se encontra condenada aos caprichos da “desordem estabelecida”. Sobre a desordem, o autor pontua a atualidade dessa espécie de presente que se faz contínuo, como algo que insiste em existir como se fosse uma novidade.

Por meio da leitura da obra que acabamos de resenhar, percebemos a atualidade do pensamento personalista de Emmanuel Mounier, para a análise nossa condição humana nos dias de hoje. Com ele percebemos a “desordem estabelecida” na atual conjuntura mundial, não somente na sua dimensão político-econômica, mas também nos aspectos culturais e espirituais, pois ainda vemos presente os mesmos elementos contra os quais as ações de Mounier se empreenderam. O individualismo exacerbado aparece nitidamente aos nossos olhos, quando observamos o isolamento cada vez maior das pessoas. Como nos advertia Nietzsche, decretamos a morte de Deus e, em seu lugar, criamos e consagramos ídolos com pés de barro, que não são capazes de sustentar seus próprios ideais, muito menos nos apontar uma saída espiritual para nossa precária condição humana.

Os ideais totalitários e colonialistas ainda se fazem muito presentes entre nós, de forma que o pensamento personalista nos oferece um embasamento teórico, que se faz necessário para a ação. Ação essa que exige coragem e engajamento, pois talvez a maior e mais difícil batalha seja travada no íntimo de cada de nós, como um esforço de transcendermos o individual em direção ao coletivo, uma vez que, para o indivíduo se tornar pessoa, é necessário que se abra para o infinito, que é o outro.

Referência

SILVEIRA, Carlos Roberto da. *Emmanuel Mounier e a filosofia personalista no Brasil*. Mogi Guaçu: Becalete, 2017.

Recebido em junho de 2019.

Aprovado em setembro de 2019.